



Tribo imaginária

Colegas se identificam como indígenas na admissão ao Serpro

Revista Interna Nº5 - Abril 2011

• MOVIMENTO PARA A SAÚDE

Adeptos da ginástica laboral falam sobre benefícios do exercício diário

• VOCAÇÃO PARA EVENTOS

Encontros para compartilhar conhecimento são realizados pela empresa desde 1998

• VOLUNTÁRIOS DA CULTURA

Serprianos dedicam tempo livre a iniciativas que difundem a cultura brasileira

IDENTIDADE ESCOLHIDA

Colegas com parentes de origem indígena se identificam como tais ao preencherem a ficha de admissão ao Serpro. E não estão errados.

“Coisa concreta, documentada, não tenho. Mas minha família conta que somos remanescentes da Grande Nação Tabajara. A mãe do meu pai vivia na Aldeia Velha, formada por índios que vieram habitar as proximidades de Fortaleza. Foi meu avô, branco, quem tirou minha avó de dentro da aldeia”. O relato é de César Antônio da Silva, que atua na Gestão de Logística da regional Fortaleza. Ao preencher sua ficha de dados pessoais para a admissão, em 1974, César identificou-se como indígena. Ele se lembra perfeitamente da escolha, acrescentando que tem “orgulho de suas raízes”.

À primeira vista, pode-se pensar “se é neto de índia, e o avô era branco, então não é índio”. Mas é uma conclusão precipitada. Classificações raciais reservam muitos problemas, e as certezas vão por água abaixo diante de uma indagação básica. O que faz alguém ser considerado negro? A ancestralidade e cor da pele. O que faz outro ser considerado branco? Os mesmos critérios. Por que seria necessário exigir de alguém que se considera índio outra coisa além de possuir antepassados indígenas e traços físicos que, a seu critério, remetem a tal etnia?

Método autodeclaratório

“Identidade racial é o sentimento de pertencimento a um grupo racial, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida, a socialização e a educação, além da consciência adquirida diante da cultura”. A definição é sustentada pela médica Fátima Oliveira, presidente da Regional Minas Gerais da Sociedade Brasileira de Bioética. Apesar de já ser possível identificar com precisão os fenótipos - conjunto de características físicas de um indivíduo, a classificação racial segue como desafio, já que é uma tarefa complexa definir quais são as características físicas, como cor de cabelo, dos olhos e da pele, que identificam uma raça ou etnia.

Órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, adotam o método autodeclaratório, pelo qual vale a cor que a pessoa identificar como sendo sua. “O recenseador pergunta ao entrevistado qual sua cor ou raça, e ele pode optar entre: branco, preto, amarelo, pardo ou indígena”, esclarece a assessoria de imprensa do IBGE. O instituto justifica o emprego da metodologia pelo fato de ter sido ratificada pela Declaração de Durban, resultante da Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, ocorrido em 2001. O documento se tornou um padrão de referência para a classificação racial.

“Sou mais é índio”

A reportagem da GPS apurou que 42 serprianos constam nos arquivos da Supgp como indígenas. Para chegar a esse número, a área fez um levantamento nos cadastros de dados pessoais. Há um campo intitulado “cor/raça” no qual se pode optar entre “amarela, branca, indígena, não informada, negra e pardo”. A

opção de preenchimento é do admitido, seguindo a convenção internacional. Do universo de possíveis empregados indígenas, 15 apontaram erro no cadastro ou não se lembravam de como haviam preenchido essa



César Antônio da Silva, de Fortaleza: remanescente tabajara



Telma Estrela de Souza, de Salvador: orgulho das raízes

ficha e 12 não foram localizados. A revista ouviu o depoimento de três colegas que confirmaram ter se identificado como indígenas na época da contratação.

“Comparado ao meu, o rosto das minhas sobrinhas lembra mais a fisionomia do índio”, afirma César da Silva. “Mas eu me identifico como indígena com bastante orgulho”. Ele acredita que tenha alguns traços de personalidade, “uma certa calma, uma

explosão só depois de ser muito chateado”, que são típicas dos índios. Da convivência com a avó “índia de aldeia”, destacam-se na lembrança “o cabelo esticado”, a aversão a fotos e a negação de se despir para fazer tratamento médico. “Ela saiu da aldeia, mas a aldeia não saiu dela”, resume César.

A história de Ronaldo Aciolli Ferreira, da Supgs de Recife, é similar à de César. Ele tem ancestrais

brancos, negros e indígenas, mas justifica sua identificação pela sua aparência “Sou mais é índio”, diz, explicando que a escolha leva em conta sua pele “achocolatada”, típica de índios de uma região no interior de Alagoas, de onde provém sua avó paterna. “Eu sou parecido com meus primos, mas eles tem esse rosto mais índio do que o meu. Quando alguém os vê, logo identifica o que são. Mas o cabelo é um pouco fino, não é aquele grosso, que a gente associa ao índio. Mas é assim mesmo a aparência do povo do lugar”.

Ascendência e traços físicos também motivaram Telma Estrela de Souza, da Supde em Salvador, a se identificar como indígena. Interessada em fazer uma pesquisa genealógica para descobrir de qual a tribo descende, a colega ressalta o modo de vida integrado à natureza como um dos aspectos louváveis de ser índio. “Você pode acrescentar que minha opção racial é, sobretudo, uma questão de sentimento”, diz Telma. Considerando que raça humana só existe uma, a declaração da colega sintetiza a questão da classificação racial com simplicidade. ■

População Indígena no Brasil



*Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - IBGE

GINÁSTICA LABORAL: TRABALHO A SEU FAVOR

Entusiastas da atividade falam dos benefícios que a pausa para se exercitar provoca no corpo e na mente

Estica a perna, levanta o braço, mexe as mãos, balança a cabeça. A ginástica laboral é composta de exercícios fáceis de fazer, rápidos de aprender e, principalmente, muito eficientes para a finalidade que têm. Ela ajuda a prevenir doenças ocupacionais e lesões por esforços repetitivos, além de diminuir o estresse e aumentar a produtividade e a concentração. Para usufruir desses benefícios, a fórmula é simples: apenas 15 minutos de ginástica, pela manhã e pela tarde, são suficientes para que o organismo e a mente experimentem resultados positivos que se prolongam durante todo o expediente.

“É um privilégio dos empregados do Serpro poder dar uma pausa na rotina de trabalho e respirar, relaxar e aliviar as tensões musculares. Isso faz muito bem”, ressalta a coordenadora do Programa de Ginástica Laboral do Serpro, Ana Cristina Araújo, da Supgp. “Temos que modificar esse hábito de se sentar na frente do computador e ficar horas e horas naquele ritmo acelerado. Uns poucos minutinhos de exercícios não atrapalham a atividade profissional e ainda promovem integração entre as pessoas”, destaca Cristina. “É uma iniciativa válida e está disponível tão perto da gente, na nossa área... por que não aproveitá-la?”, instiga a coordenadora.

Laboral pode ser obrigatória

Os primeiros relatos sobre ginástica laboral vêm de 1925, da Polônia, onde era chamada de ginástica de pausa, destinada a operários. Alguns anos depois, surgiu na Holanda, Rússia, Bulgária, Alemanha, Suécia e Bélgica. A modalidade chegou ao Brasil na década de 70, por influência do Japão, onde é obrigatória.

No Serpro, a iniciativa de oferecer ginástica laboral começou em 2005 e estruturou-se em 2008, quando passou a integrar as ações de promoção da saúde. Elas fazem parte do eixo Qualidade de Vida, que integra o Programa de Responsabilidade Social e Cidadania.

Empresas brasileiras ainda não são obrigadas a oferecer ginástica laboral, mas já há projeto de lei nesse sentido. Se aprovada, determinará a realização de dez minutos de laboral a cada duas horas, em todas as atividades profissionais que requeiram esforço repetitivo.

De acordo com o documento, o uso de computador, a digitação que tome mais de 50% da jornada diária de trabalho, a mecanografia e as linhas de montagem são atividades que exigem pausas para ginástica. O empregador teria que oferecer a ginástica. Já os funcionários que optassem por não participar assinariam um termo isentando a empresa de responsabilidade no caso de desenvolvimento de alguma enfermidade ocupacional incluída entre as doenças osteo-musculares relacionadas ao trabalho.



Saiba mais sobre saúde no trabalho

<http://www.ergonet.com.br>



■ **Márcia, de Porto Alegre:**

“Sinto falta da laboral durante o fim de semana”

A novata Márcia Cristina Kohl, da Supgp de Porto Alegre, ingressou no Serpro em fevereiro e ficou surpresa ao saber que a empresa tinha um programa de ginástica laboral. “Não tinha isso na empresa de onde vim. Fiquei maravilhada ao descobrir que aqui existia esse programa, ainda mais por conta da minha função, pois sei como é importante prevenir doenças ocupacionais”, conta Márcia, que é técnica em segurança do trabalho.

“Um jogador precisa se aquecer e se alongar para entrar em campo. Conosco não é diferente: precisamos disso também no nosso trabalho porque estamos propensos a lesões”, lembra a técnica. Ela gostaria de ter ainda mais ginástica laboral: “Nos fins de semana, por exemplo, meu corpo reclama, eu sinto falta da ginástica”.



■ **Marcelo, de Recife:**

“Esfriar a cabeça, esquecer o estresse, ganhar energia”

O gaúcho Marcelo Iser trabalha na Cojur em Recife há quase dois anos. Quando optou por se mudar para o nordeste e assumir o seu primeiro emprego como advogado, ficou animado em saber que sua rotina de trabalho seria aliviada com pausas para alongamentos. “Aqui na área, trabalhamos sentados o dia todo e são muitas atividades a cumprir. Quando paro para fazer a ginástica laboral, é o momento de esfriar a cabeça, esquecer o estresse e ganhar energia. Depois dos exercícios, a sensação de relaxamento no corpo e na mente é ótima”, conta ele.

Vale lembrar que os instrutores da ginástica laboral no Serpro são profissionais capacitados, formados em Educação Física, que buscam trazer novos exercícios e dinâmicas para os horários da atividade. “Os professores são muito bons, estão sempre incentivando os empregados a participar”, elogia Marcelo.



■ **Rita Raulino, de Fortaleza**

“Faz tão bem que me sinto até mais jovem”

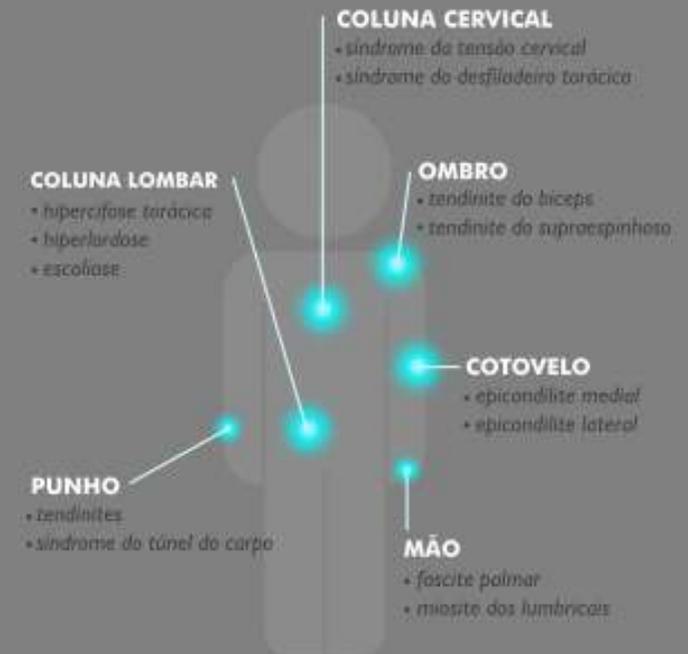
“Tenho 24 anos de Serpro e participo das aulas desde o início da laboral aqui na Regional”, orgulha-se Rita. “Parece que vou desenferrujando, os movimentos ficam mais fáceis e o corpo torna-se mais flexível. Ganho agilidade quando volto para as minhas tarefas”, diz ela. “E sem contar que a ginástica aproxima a equipe, que fica mais unida e descontraída no momento do exercício e até mesmo depois, na hora de tratar de assuntos de trabalho”, acrescenta.

Rita comenta algo comum em quem descobre a ginástica laboral e percebe em si mesmo os benefícios: “gosto de convidar os colegas, avisar que está na hora da laboral”, conta. “E digo mais: quem não pratica, não sabe o que está perdendo. Porque é uma atividade que nos ajuda em todos os sentidos. Eu me sinto até mais jovem”, brinca ela.

🔍 **Você Sabia?**

Ginástica previne lesões

O excesso de tempo em frente ao computador, sem pausas, contribui para o aparecimento de lesões relacionadas ao trabalho. Veja algumas das complicações que os 30 minutinhos diários de exercício ajudam a evitar:



TALENTO PARA GRANDES EVENTOS

Há mais de dez anos, serprianos se empenham para realizar encontros nos quais se compartilham conhecimentos sobre TI

“Que tal fazermos uma apresentação interna para que os empregados saibam mais conhecimento sobre todas as soluções da empresa?” O ano era 1998, e a sugestão partiu da então Superintendência de Consultoria Tecnológica. “Era a área que cuidava daquilo que hoje está a cargo da Cetec e da Supst” relembra Themis Assis Brasil, que fazia parte do núcleo. Durante três dias, nos auditórios de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, colegas ouviram outros colegas fazendo apresentações caprichadas sobre nossa tecnologia.

“Havia soluções tecnológicas na prateleira que muitos desconheciam”, relata Themis, hoje analista de negócios da Sunne. “E, nessas apresentações, muitas vezes citavam uma plataforma ou um software que, àquela época, eram adquiridos no mercado”, lembra. A partir da iniciativa, vários fornecedores se interessaram em participar dessa reunião, que se transformou em uma vitrine de tecnologias.

Evento no campo de futebol

Já nos anos seguintes haveria, além de fornecedores convidados, outras instituições públicas que demonstraram interesse em visitar a Mostra Serpro de Tecno-



Campo de futebol da Sede já recebeu grande evento do Serpro

logia. O jeito foi procurar espaço mais amplo, e o maior deles era... o campo de futebol da sede. Maior e mais desafiador. O arranjo não fez feio: a cobertura de lona branca cumpriu seu papel, havia ar-condicionado e piso acarpetado para receber os participantes. Telões instalados retransmitiam as palestras realizadas no auditório da sede e, após a apresentação, os interessados se dirigiam aos estandes para conferir na prática ferramentas e produtos citados.

Com novo aumento da proporção, decidiu-se que uma empresa de eventos assumiria as mostras anuais, realizando-as em centros de convenções ou hotéis de Brasília. No período de 2001 a 2007, o Serpro manteve a responsabilidade pelos temas e palestrantes, passando a participar do evento como copatrocinador, ao lado de empresas e fornecedores. ►



Ronaldo Rodrigues das Neves (5º a partir da esquerda), com sua equipe de Brasília: apoio fundamental desde as primeiras mostras de tecnologia

Nova Concepção

“As últimas edições desse evento tinham em mira um público-alvo diferente do que vemos hoje no Consegi” - relata Ronaldo Rodrigues das Neves, da Supop. As mostras visavam à disseminação de conteúdos de soluções proprietárias. Já o congresso realizado atualmente, o Consegi, é voltado para as políticas públicas na área de tecnologia, com foco em software livre.

Foi em 2008 que esses novos rumos sopraram no direcionamento dos eventos realizados pelo Serpro. “Com

uma nova diretoria e a Cecom estruturada, recebemos a missão, em 2007, de criar um evento novo para o ano seguinte”, recorda Valéria Pinto Lemos da Silva, da área de Comunicação.

“A ideia foi fazer um congresso que falasse ao mundo o que o Serpro e as instituições do governo realizam. E, ao mesmo tempo, que trouxesse à tona as questões fundamentais da tecnologia de informação e do software livre, principalmente na esfera governamental, que diz respeito a todos os cidadãos”, rememora. ▶

Eles chegam antes e saem depois

Mais de 500 computadores estarão disponíveis durante o Consegi deste ano. Alguém colocou plaquinhas de patrimônio em cada um deles, embalou-os, acompanhou o transporte: a equipe da logística. E vai refazer todo caminho ao contrário ao final do evento. Alguém, antes disso, projetou a rede elétrica e lógica da rede que os interconecta, providenciou instalações no local, orientou a execução: operações. Os dois sujeitos conversaram muito entre si, e também dialogaram bastante com a comunicação, que, por sua vez, teve reuniões sucessivas com a Cetec e sua grade de horários hiper mutantes, sempre em contato com a Cerin e seus contatos salvadores. Que falou muito com a comunicação, que não parou de se reunir com operações...

Garrafas térmicas para os estudantes que acampam no Jardim Botânico, passagens internacionais para convidados, blog e rádio, segurança, café, crachás: tudo que faz o Consegi acontecer depende de um batalhão de empregados que estão acendendo as luzes da Esaf bem antes de a abertura solene começar. E que podem exclamar “ufa, realizamos mais um” só muito, muito depois de o último palestrante ter embarcado em seu voo admirando o anoitecer.

Emoções de bastidores

“Quando alguma coisa para de funcionar durante a organização de um evento grandioso, bate uma adrenalina que te faz topiar qualquer desafio”, comenta Ronaldo Neves, da Supop. E não faltou emoção na véspera do primeiro Consegi. “Tivemos um problema com o circuito de comunicação. O evento começava quarta de manhã. Às nove horas da noite de terça, o sistema de radiotransmissão simplesmente parou de funcionar”, conta Ronaldo. “Aquilo comprometeria o evento todo! Então, na escuridão, tivemos de subir até onde ficam as antenas, em cima da caixa d’água de Esaf, a 45 metros de altura, para ver o que estava acontecendo e decidir o que fazer. Aquele negócio balançava bastante, mas vários de nós subimos ali. Conseguimos resolver o caso, com auxílio de última hora de equipamentos da Esaf.”

Outra situação inusitada ocorreu durante uma Mostra Serpro realizada em um hotel, conforme relata Themis Assis Brasil, Analista da Sunne: “Estávamos na abertura solene, havíamos começado a cantar o hino nacional, com o acompanhamento de uma projeção de imagens e do suporte instrumental, quando a energia elétrica acabou. E ficou tudo escuro! Não imaginávamos que um hotel de porte não tivesse um gerador! Mas a reação do público surpreendeu: as 3 mil pessoas presentes recomeçaram a cantar o hino nacional, sem acompanhamento, sem luminosidade. E, assim que o hino terminou, a luz voltou. Foi uma das situações mais emocionantes que vivenciei em eventos”, lembra Themis.

Consegi: a cada ano, mais mil

O primeiro Congresso Internacional de Software Livre teve como espaço a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio em 2008. No ano seguinte, seria consolidada a bem-sucedida associação com a Escola de Administração Fazendária, a Esaf. “Além de possuir um espaço adequado, a Esaf também se notabiliza pela experiência em realizar eventos educacionais”, ressalta Valéria. “É uma ótima parceria, que nos dá condições de acompanhar cada detalhe do Consegi. A Esaf realiza o evento contratando fornecedores, mas nós os aprovamos. O conteúdo teórico, a chamada grade, também fica por conta do Serpro. Assim a empresa se empenha em uma realização que atende fielmente aos seus objetivos”.

E coloque-se empenho nisso. O público do Consegi vem aumentando na base do milhar – 2 mil em 2008, 3 mil em 2009, 4 mil em 2010 e esperados 5 mil em 2011. Para recebê-los, é mobilizado um grande número de empregados lotados nas áreas de logística, operações e comunicação, além da Cetec, que define a grade de palestras, e da Cerin, área responsável pelas relações institucionais, que capitaneia os contatos para viabilizar a realização.

“Apesar de o negócio do Serpro não ser a realização de eventos, a gente 'se vira nos 30', como se diz na tevê, para que tudo saia conforme o planejado, ou, pelo menos, assim pareça aos participantes. E temos conseguido”, resume Hélio Pedro de Alcântara, da Supgl.



Hélio Pedro de Alcântara e Valéria Pinto Lemos da Silva se reúnem em Brasília: interação contínua para fazer o Consegi acontecer

NERDS, NADA!

Um colega toca cuíca para arrecadar fundos, outro prefere os bastidores, um terceiro organiza rodas de samba e oficinas de arte: serprianos colaboram para ampliar o acesso à cultura.

Thiago Cotta de Campos, técnico lotado na Supop de Belo Horizonte, é daqueles que não se faz de rogado quando a proposta é colaborar: representa a Inclusão Digital, coordena o Comitê de Software Livre, participa de outros dois comitês. Ainda sobra fôlego para fazer sítios de internet, oferecer suporte técnico e ministrar oficinas de informática no projeto “Viola de Bolso”. O ponto de cultura atende 250 jovens em Eunápolis, cidade no extremo sul da Bahia.

“O que me move é a sensação de ser útil” diz Thiago. “Mover” é um termo apropriado: o técnico se desloca 950 quilômetros para participar do projeto. Férias e finais de semana são somados a muitas horas em frente ao computador. “Além desse suporte, faço todo tipo de trabalho nos bastidores, seja pintar paredes ou ajudar a projetar filmes na praça”, declara.

Cuíca com informática

Já Gustavo Alencar, analista de Recife, prefere o palco: é músico integrante do grupo “Maracatu Estrelha Brilhante”. Toca cuíca nas apresentações e doa o cachê para a entidade. A instituição oferece educação musical a 90 jovens e promove “sambadas” no carnaval e em outras datas - sempre ao ritmo do maracatu.



Thiago Cotta (centro) dá suporte técnico para o Viola de Bolso. César Vianna (de boné branco) organiza encontros para disseminar a cultura (na foto, com o compositor Monarco, da Portela).

Além de participar como artista, Gustavo trabalha pela instalação de um telecentro no local. “Já iniciamos a conversação com o Comitê de Inclusão Digital da Regional Recife. Enquanto o telecentro não chega, começamos um trabalho introdutório com os computadores disponíveis”, conta.

Samba ao sul

Em Porto Alegre, o técnico em operação de redes César Vianna fundou, com dois amigos, o “Instituto Brasilidades” para estimular a cultura popular que se compartilha na rua, “sem ingressos e sem paredes”, diz. A organização oferece oficinas em um ponto de cultura e promove uma roda de samba mensal, que reúne 200 pessoas. Todo final de novembro, um evento maior leva duas mil pessoas para as ruas da cidade,

na companhia de figuras significativas, como os integrantes da Velha Guarda da Portela.

“Nossa cidade tem muita cultura em espaços fechados, mas não há o costume de ocupar as ruas, como acontece no Pelourinho baiano, na Lapa carioca, com o Maracatu em Olinda”, compara. “Escolhi trabalhar com música porque a profissão de informática exige grande concentração, podendo isolar as pessoas. Além de ser prazeroso, trabalhar com arte contribui para uma formação mais generalista”, reflete. ■



Conheça os projetos culturais dos colegas:

<http://www.violadebolso.org.br>

<http://institutobrasilidades.blogspot.com>

